

Na sociedade atual, cada vez mais as pessoas estão distantes e sozinhas. A escuta do outro e o compartilhamento de dificuldades são raros nas relações interpessoais e intergrupais. Os encontros de mulheres, comuns antigamente, hoje acontecem pouco, fragilizando os laços de amizade e os valores de solidariedade e de conversa. Além disso, as mulheres trazem consigo muitas exigências construídas socialmente e pouco se abre espaço para falar do sofrimento psíquico que isso pode trazer. Constatando isso, entende-se como importante favorecer espaços de compartilhamento que visem o empoderamento de mulheres, principalmente em relação aos direitos sexuais e reprodutivos. Neste trabalho, apresentamos alguns resultados referentes à pesquisa “Saúde Sexual e Reprodutiva das Mulheres: o Grupo como Dispositivo”. Tal pesquisa descreve e analisa o dispositivo-grupo, com o intuito de mapear os modos de viver/sentir a saúde sexual e reprodutiva de mulheres que participam do projeto de extensão “Direitos Sexuais e Reprodutivos: Conversando sobre Saúde”. A atividade de extensão está, atualmente, no quarto ano de realização e acontece nas dependências da Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia da UFSM (CEIP), em intervalos semanais, durante o período letivo. O grupo é formado por mulheres maiores de 18 anos, moradoras da cidade de Santa Maria e é mediado por uma psicóloga e estudantes de Psicologia. Os encontros são gravados com o consentimento das participantes e, após, são transcritos. Para este trabalho, recorreu-se às transcrições dos 26 encontros de um dos grupos ocorridos no ano de 2011, buscando identificar os discursos produzidos a respeito do significado do grupo para as mulheres participantes. Verificou-se que o grupo foi um dispositivo importante para o fortalecimento das mulheres, na medida em que estas puderam compartilhar dificuldades em relação ao ser mulher atualmente, à maternidade, ao sentimento de solidão, ao trabalho, etc. Além disso, entendeu-se como fundamental a percepção das participantes de que elas têm problemas em comum e que a escuta qualificada das dificuldades e sofrimento psíquico da outra contribui, muitas vezes, para reavaliar suas próprias dificuldades, conhecer novas possibilidades de olhar para si e para a Outra e assim se fortalecerem. Observou-se que ter alguém disponível para escutar, conversar, dividir e “palpitar” (sic.) na vida da outra pode significar um passo importante em direção ao empoderamento. Outro aspecto relevante é que as mulheres construíram o grupo como um espaço onde cuidavam de si mesmas e um lugar propício ao diálogo sobre temas-tabus. Assim, a reflexão grupal foi constituída como algo que é coletivo, não de uma mulher, mas de todas as mulheres. Com isso, foi possível criar no grupo um espaço de fala-escuta-compartilhamento, tendo-se a possibilidade de sentir como coletivo aquilo que antes era visto como um sofrimento individual.